

A influência da Internet no domínio da escrita

Dalva Soares Gomes de Souza*

Resumo

SOUZA, Dalva Soares Gomes de. **A Influência da Internet no domínio da escrita: análises e inferências**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção. Florianópolis. UFSC, 2001.

Pretendeu-se verificar, com este trabalho, a desenvoltura da produção textual escrita, tanto na riqueza de ideias, quanto no domínio linguístico de uma amostragem, investigando a influência da Internet na escrita de textos escolares.

Os métodos e as técnicas para a recolha de informações utilizadas para alcançar essas finalidades basearam-se em teorias linguísticas, virtuais ou não, e na leitura de artigos de especialistas no assunto.

Com base nos dados levantados nesse estudo, pode dizer-se que o texto electrónico é pródigo no desenvolvimento tanto do acesso às informações quanto ao da fluidez textual, necessários à criatividade da escrita, embora não interfira no domínio das normas linguísticas do seu utilizador.

Palavras-chave: escrita, texto electrónico, língua padrão.

Abstract

SOUZA, Dalva Soares Gomes de. **A Influência da Internet no domínio da escrita: análises e inferências**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção. Florianópolis. UFSC, 2001.

* Professora de Língua Portuguesa na Universidade Newton-Periva de Belo Horizonte.

The main goal of this paper was to check the development of textual written production, concerning both the richness of ideas and the linguistic control of a sample, through the investigation of the influence of the Internet usage in school papers.

The methods and techniques to gather information used to achieve these ends were based on linguistic theories, virtual or not, and in search for articles from specialists on the subject.

Based on the data gathered in this paper, it is correct to say that the electronic text is useful for the development of both the access of information and textual flow, which are necessary to creative writing, although it does not interfere in the control of the linguistic rules by the user.

Key-words: writing, electronic text, standard language.

1. Introdução

A linguagem é vista como instrumento de interacção social e formadora de conhecimento. Este conceito supera a concepção da linguagem como sistema pré-estabelecido, estático, centrado no código. Bakhtin afirma que a verdadeira substância da língua (...) não é constituída por um sistema abstracto de formas linguísticas (...) mas pelo fenómeno social da interacção verbal, realizada através da enunciação e das enunciações (1986, p.109).

A concepção de linguagem inter-acção: o dialogismo, conceito chave na teoria de Bakhtin (1986), transcende no sentido restrito (a comunicação verbal directa e em voz alta entre uma e outra pessoa). Dialogismo é toda a comunicação verbal, qualquer que seja a forma. Do ponto de vista discursivo, não há enunciado desprovido de dimensão dialógica, pois qualquer enunciado sobre um objecto se relaciona com enunciados anteriores produzidos sobre este objecto.

Por isso, todo o discurso é fundamentalmente diálogo. Isso significa que os significados e sentidos são produzidos nas relações dialógicas, na mesma medida em que sujeitos e objectos no mundo se constituem como sujeitos e objectos do e no mesmo discurso. Assim, podemos avaliar a importância da relação entre sujeitos (dimensão constitutiva da linguagem), porque a palavra está, fundamentalmente, alienada ao outro – aquilo que procuro na palavra é a resposta do outro que me irá constituir como sujeito – a minha pergunta fundamental ao outro diz respeito a onde, como e quando começarei a existir na sua resposta.

Aparecem, aqui, duas funções da palavra intimamente ligadas: a mediação para o outro e a revelação do sujeito. Benveniste (1976) explica com propriedade

essa relação: a consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego «eu» a não ser dirigindo-me a alguém que será a minha alocução em tu (o outro). A influência da concepção interaccional da linguagem no ensino da língua é lenta, uma vez que os professores que actuam hoje nas escolas públicas e privadas tiveram a sua formação académica baseada em linhas tradicionais e/ou estruturalistas. Trabalhar a linguagem como processo de interacção exige redefinição de papéis quando a linguagem que permeia esta interacção se faz virtualmente.

É preciso saber, pois, o que caracteriza uma linguagem e se a Informática possui estes elementos. Uma linguagem pode ser vista como um conjunto de técnicas utilizadas para armazenar e transmitir mensagens, ideias, intenções e as mais variadas expressões humanas. Entretanto, mais do que isso, uma linguagem é um instrumento que auxilia alguém a pensar sobre o mundo, sobre os seus semelhantes e sobre si mesmo.

De certa forma, os instrumentos da Informática servem para armazenar e transmitir informações, mas o que diferencia a Informática da palavra escrita, por exemplo, é a possibilidade de trabalhar com uma gama mais variada de formatos de informação. Enquanto a escrita trabalha exclusivamente com as informações armazenáveis em palavras, na Informática é comum falar-se de *multimedia*, ou seja, informação em formatos variados. Mas a possibilidade de falar da Informática como linguagem só começa quando se analisa o impacto que a fácil manipulação de instrumentos de *multimedia* terá na nossa forma de pensar e de ver o mundo.

Vivemos numa época em que as tecnologias estão invadindo, crescentemente, o mundo humano. Todos os dias se desenvolvem novas formas de integrar a tecnologia no quotidiano, modificando a forma de fazer, ver e pensar o mundo. Vista desta forma, a tecnologia também pode determinar novas linguagens.

Com a Informática, novas formas de pensar podem estar nascendo. Apesar de ainda não conseguirmos definir precisamente o que seria o raciocínio próprio da Era da Informática, podemos analisar as ferramentas que têm potencial para alavancar as novas formas de representação e armazenamento do pensamento humano.

Pretende-se, neste capítulo, caracterizar esta linguagem que se constitui como um sistema contínuo de documentos interconectados fluidos e acessíveis. Funciona como uma central organizadora de materiais sígnicos múltiplos e polisequenciais, tais como textos agregados a imagens, sons gráficos acessíveis aos utilizadores que podem mover-se através das teias, nós, elos e *links* para outros sítios informacionais (Snyder 1996, p.24/25).

2. Espaço Cibernético

Lévy (1993) situa muito bem o meio electrónico frente aos outros meios de comunicação: «a sucessão da oralidade, da escrita e da informática como modos fundamentais de gestão social do conhecimento não se dá por simples substituição, mas antes por exemplificação e deslocamento de centros de gravidade.» Estamos tão embebidos na *galáxia de Gutenberg* que não nos damos conta das diversas dificuldades que foram enfrentadas pelo homem na luta pela popularização da escrita.

Durante séculos, esta foi privilégio de poucos, a alfabetização era restrita a grupos eclesiais e a nobres. O seu nascimento deu-se num ambiente de violenta discriminação, ela tornou-se privilégio de determinada casta e somente a alguns era permitido o seu acesso. Os poucos que a dominavam controlavam os muitos que a ignoravam. A história comprova que nenhuma tecnologia veio para usurpar o espaço da outra. Todas convivem pacificamente, tendo cada uma seu público e utilização em situações diversas, conforme a necessidade do indivíduo.

Pierre Lévy define espaço cibernético como um terreno onde está funcionando a humanidade hoje. É um novo espaço de interação humana que já tem uma importância enorme sobretudo no plano económico e científico e, certamente, essa importância vai ampliar-se e vai estender-se a vários outros campos, como, por exemplo, à Pedagogia, à Estética, à Arte e à Política (Lévy, p. 1996).

O espaço cibernético, para o autor, é a instauração de uma rede de todas as memórias informatizadas e de todos os computadores. Actualmente, temos cada vez mais dados, sob forma numérica e registrados na memória do computador, textos, imagens e músicas produzidos por computador. Então, a esfera da comunicação e da informação está a transformar-se numa esfera informatizada. O interesse é pensar qual o significado cultural disso.

Com o espaço cibernético tem-se uma ferramenta de comunicação muito diferente dos *media* clássicos, porque é nesse espaço que todas as mensagens se tornam interactivas, ganham uma plasticidade e têm uma possibilidade de metamorfose imediata. E aí, a partir do momento em que se tem acesso aos mesmos, cada pessoa pode tornar-se numa emissora, o que obviamente não é o caso dos *media* como a imprensa ou a televisão. Então, daria para fazermos uma tipologia rápida dos dispositivos de comunicação onde há um tipo em que não há interactividade porque este tem um centro emissor e uma multiplicidade de receptores (Lévy, p.1993).

O importante é que a informação esteja sob forma de rede e não tanto a mensagem porque esta já existia numa enciclopédia ou dicionário. Portanto, a verdadeira mutação verifica-se noutros aspectos. Ressalta Lévy (1996) que, em primeiro

lugar, não é mais o leitor que se vai deslocar diante do texto, mas é o texto que, como um caleidoscópio, se vai dobrar e desdobrar diferentemente diante de cada leitor.

O segundo ponto é que tanto a escrita como a leitura vão mudar o seu papel, porque o próprio leitor vai participar da mensagem na medida em que ele não vai estar apenas ligado a um aspecto. O leitor passa a participar da própria redacção do texto à medida que não está mais numa posição passiva diante de um texto estático, uma vez que ele tem diante de si não uma mensagem estática, mas um potencial de mensagem (Lévy, p. 1996).

Então, o espaço cibernético introduz a ideia de que toda a leitura é uma escrita em potencial. O terceiro ponto que, sem dúvida, é o mais importante, é que estamos assistindo a uma desterritorialização dos textos, das mensagens, enfim, de tudo o que é documento: tanto o texto como a mensagem se tornam uma matéria.

Desta forma, o espaço cibernético, conforme aponta Marcuschi (1999), está a tornar-se um lugar essencial, um futuro próximo de comunicação humana e de pensamento humano. O que isso se irá tornar, em termos culturais e políticos, permanece completamente em aberto, mas, com certeza, dá para ver que isso vai ter implicações muito importantes no campo da educação, do trabalho, da vida política, das questões dos direitos, como por exemplo, no direito de propriedade.

Então, expõe Lévy (1994), o novo portador do saber, no novo horizonte, seria a própria humanidade. O autor aborda não a humanidade no sentido genérico mas no de uma humanidade viva enquanto espaço cibernético.

O espaço cibernético, aqui, é entendido como esse espaço virtual onde a comunidade se conhece a si mesma e conhece o seu próprio mundo, porque são duas faces da mesma coisa.

3. Internet e Comunicação Virtual

A comunicação entre os humanos é o que permite ao homem tornar-se cidadão. É através das diversas formas de linguagem que o homem consegue organizar-se em sociedade, estabelecendo leis de convivência, firmando e transmitindo valores e conhecimentos. Tomam-se, aqui, as técnicas de comunicação utilizadas pelo homem para entendermos a relação que este vem estabelecendo com o mundo e a nova relação que se delineia.

A década de 90 tem-se caracterizado pelo avanço da comunicação, através das redes de computadores, o que culminou no fortalecimento da Internet, por vezes chamada de «Rede das Redes». O fortalecimento desta nova tecnologia da comunicação não é privilégio apenas de países onde os meios de telecomunicações estão em pleno desenvolvimento (Maddix, p. 1990).

As novas tecnologias têm atingido grandes avanços vindos da sociedade da informação, transformando substancialmente as formas de trabalho, de lazer, de comunicação, inclusive as concepções de espaço e tempo, do que é real e virtual, do que é tradicional e inovador, com repercussões sociais, económicas, políticas e educacionais. A Internet, de entre as novas tecnologias, é considerada a mais interactiva até o momento, e a mais promissora, não existindo num lugar concreto, acontecendo num lugar virtual, no ciberespaço (Heterick, 1993, p. 8).

O quadro 1 apresenta a curva de adopção da Internet comparada com os de outros *media*.

Quadro 1
Internet e outros *Media*

Media	Número de anos necessários para se atingir 50 milhões de utilizadores
Rádio	38
Televisão	16
TV a cabo	10
Internet	5

Fonte: The Internet Report – Morgan Stanley, 1997.

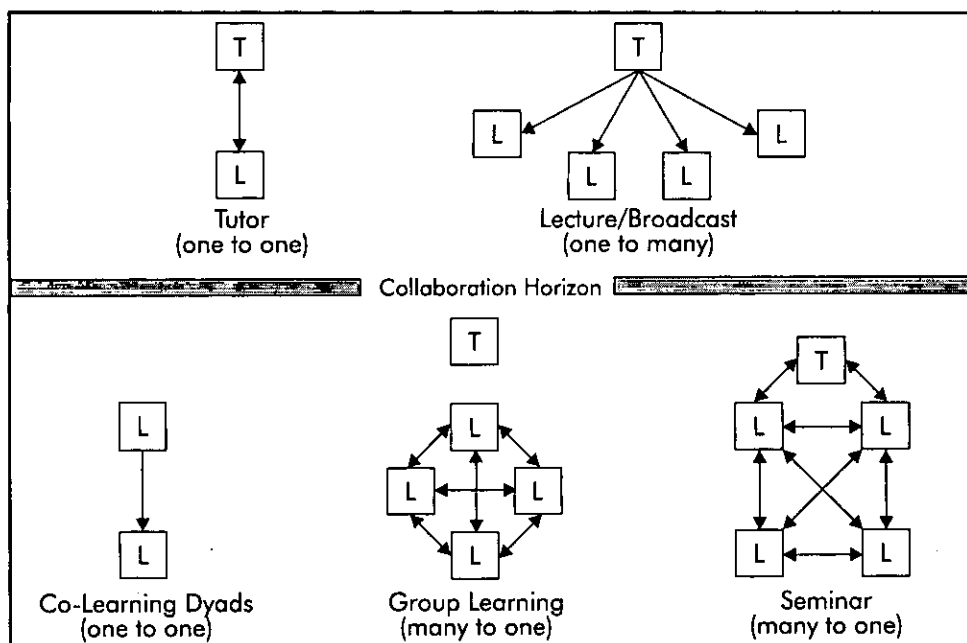
4. Internet e educação

Para Laura Liguori (*apud* Litwin, 1993, p. 90), a utilização da *Internet* como recurso didáctico pode melhorar a aprendizagem sempre que se analise com critérios pedagógicos:

- O aproveitamento que se faz das características próprias da ferramenta informática; a capacidade de interacção aluno/informação e a capacidade de retroalimentar a aprendizagem dos alunos.
- A contribuição para a aprendizagem desde uma perspectiva inovadora, isto é, que favoreça a participação solidária entre os alunos; possibilite a pesquisa, a aprendizagem por descoberta, e a recriação dos conhecimentos; apresente uma visão integradora na sua concepção, e propicie o tratamento interdisciplinar dos temas do currículo.
- As modalidades de trabalho em aula.

Vê-se, na figura 1, a representação dos horizontes da aprendizagem colaborativa, que seriam favorecidos por um ambiente de educação *online*, de acordo com Harasim (1989).

Figura 1
Aprendizagem Colaborativa



Fonte: HARASIM (1989).

De acordo com a pesquisadora, ambientes educacionais com atributos tais como a assincronicidade, a interatividade e a distribuição equitativa da comunicação produzem uma aprendizagem ativa.

Harasim (1989) aponta como positivo o aspecto da interatividade e da comunicação, propiciado pela comunicação *on line*.

Considerando o modelo presencial de ensino, verifica-se neste modelo, que a troca verbal durante a maior parte do tempo vem do professor. Este padrão é invertido no modelo *on line* de educação. Segundo Harasim (1989), se no modelo presencial o professor tem a palavra em cerca de 60% a 80%, este número cai para 10% a 15% no modelo *on line*.

Em relação à distribuição da comunicação, o factor de subversão é ainda maior. Na educação presencial, um, dois, três alunos ou um grupo específico de alunos têm a palavra, na educação *online* esta distribuição é equitativa. (Harasim, 1989).

Na sua abordagem sobre processo ensino-aprendizagem, Apel (1996) ressalta que a Internet está envolta num deslumbramento, uma vez que, por mais que se

pesquisa, ela nunca se esgota. Apresenta-se como uma grande vitrine: todos a admiram; o seu poder de sedução é muito grande. Os jovens admiram-na a ponto de não a censurar. No entanto, copiam tudo, não questionam nada.

Apel (1996) analisa que a Internet constitui uma grande fonte de pesquisa e possui diversificado material informativo, banco de dados, interação rápida, e os utilizadores podem ter acesso a ela sempre que quiserem, favorecendo o trabalho cooperativo, a aquisição e a construção de novos conhecimentos, ao mesmo tempo que favorece o trabalho individualizado de aprendizagem. A Internet pode ser de grande ajuda, uma vez que, no momento em que se necessita de uma informação, pode-se recorrer à rede e localizar orientações por assunto, por problemas, conectar-se com os «expert» na especialidade e conhecer experiências inovadoras na área.

Ferreiro (2000) aponta que a Internet abre, na escola, a possibilidade para que todos possam escrever e publicar. Segundo a autora, se pensarmos na quantidade de informações em circulação, nos vários *media* à disposição, veremos que o privilégio de produzi-las, distribuí-las e determinar o momento de fazê-lo ainda está concentrado na mão de poucos.

A maior parte das informações a que temos acesso já vem filtrada e determinada, geralmente, por grupos multinacionais que detêm este poder nas suas mãos.

Assim, a partir do momento em que se tem acesso a um *medium* onde a veiculação de informações pode ocorrer em múltiplas vias, onde há a possibilidade de interferência e a comunicação é possível de modo síncrono e assíncrono, é preciso parar e pensar nas novas possibilidades abertas.

O acesso à Internet, que abre estas novas possibilidades, ainda é restrito e é neste sentido que os professores das escolas públicas, conectados, têm um papel fundamental.

Nas palavras de Ferreiro (2000, p. 52):

A necessidade de que os grupos marginalizados possam expressar suas demandas, seus modos de perceber a realidade, suas reclamações fica cada vez mais patente para que a própria idéia de democracia não venha abaixo. Essas demandas e exigências devem ser expressas, de maneira crescente, no estilo próprio de um texto escrito. A ênfase na produção textual seria uma contribuição específica da escola, não só por uma exigência externa, mas também para garantir a possibilidade de que qualquer um possa dizer quem é e defender seu ponto de vista por escrito nesta sociedade que já não acredita mais no que se expressa de maneira oral e que exige que tudo seja posto sobre o papel para poder ser julgado, valorizado ou definido em um tribunal.

Para a autora, na escola, muitas vezes, a escrita torna-se um objecto descontextualizado, pois perde a sua função – a comunicação – e os alunos escrevem «sob encomenda», sabendo de antemão que o «*circuito tradicional de produção de um texto é: entrega, correção, arquivamento.*» (Ferreiro, 2000, p. 54).

Escrever, nestas condições, faz com que o texto perca a sua finalidade, o seu vigor e autenticidade. Os alunos, sem uma motivação interna, perdem cada vez mais a vontade de escrever e, consequentemente, as produções tornam-se impessoais e ortograficamente cheias de incorreções. Instaura-se a dicotomia escrever (aluno) e rever (professor) e o texto torna-se o resultado pobre e mal articulado de um compromisso a cumprir.

Segundo Maturana e Varela (1990), com a Internet, que abre a possibilidade de publicar, de usar a via escrita para comunicar ideias, expor pontos de vista, para eventuais leitores que estão além dos muros escolares, podemos, quem sabe, reverter este quadro, uma vez que o escrever passa a ter outro sentido e assume outra dimensão e destino.

Sabe-se que a escrita, quando é contextualizada, produzida tendo em vista a comunicação e dirigida a um público leitor, activa um movimento em direcção ao estabelecimento de relações entre o interno – as sensações, impressões, saberes, desejos e expectativas do autor –, e o externo – a colectividade, os leitores e como poderão entender o que está a ser comunicado (Ferreiro, 2000).

Maturana e Varela (1990) acreditam que, na medida em que se possibilita este tipo de acção aos alunos, e lhes são garantidos espaços para interacção (formulários, e-mail, chats, etc), ampliam-se também as possibilidades de intervenção problematizadora. A problematização deixa de estar exclusivamente na mão dos professores, horizontaliza-se, pois todos os integrantes da comunidade, e mesmo pessoas fora dela, podem assumir esta função, apontando aspectos não previstos, sugerindo explicitações e dando *feedback* ao material publicado.

Por isto mesmo, analisa Apel (1996), há hoje na Internet, muitos espaços específicos para a conversação escrita, para a escrita colectiva, para a publicação de textos individuais de alunos ou de professores. Os *chats* (síncronos), as listas, os *sites* de criação de textos colectivos e os fóruns (assíncronos) são alguns dos espaços mais procurados e mais conhecidos. Neles, infere Apel (1996), cria-se um clima que favorece e provoca os grupos a estabelecerem relações cooperativas, onde os esquemas de pensamento de cada um se vão tornando mais complexos, em função dos novos elementos que se vão agregando, à medida em que o trabalho e o diálogo avançam. Os *chats*, principalmente eles, passam a ter significado e distanciam-se da ideia de conversas inconsequentes.

5. Escrita On line

A existência de diferentes modalidades no uso da língua e o domínio da norma culta são questões que preocupam todos os envolvidos com o ensino do idioma. Claro que, apesar da aceitação dos diferentes níveis do uso da língua, o domínio do padrão culto escrito é condição indispensável para o aprimoramento cultural, moral e intelectual do indivíduo e o crescimento do País e do nosso povo. Cabe à escola, portanto, ensinar a norma culta escrita sem menosprezar as demais modalidades da língua consideradas «erradas» por alguns segmentos tradicionalistas do sistema educacional.

No entanto, a primeira atitude dos *internautas* é a de fugir o mais possível das rígidas normas da língua escrita. Podemos dizer que a despreocupação com as regras gramaticais e a informalidade fazem das mensagens que os *internautas* trocam entre si uma simulação quase perfeita da língua falada. Para tanto, recorrem a uma gama enorme de recursos da própria linguagem escrita, obtendo, assim, um resultado bastante satisfatório e comunicativo.

As mensagens trocadas por meio do correio electrónico (*E-mail*) constituem-se em textos elaborados obedecendo já às normas da língua escrita padrão, pois o *internauta*, quando redige um *E-mail* dispõe de tempo para elaborar o seu texto. As conversações no chamado «tempo real», entretanto, são mais interessantes pelo facto de os interlocutores não disporem de tempo para fazer um planeamento prévio de seu discurso. Nesse caso, a troca de mensagens tem de ser rápida, sem perda de tempo. Isso faz com que os *internautas* tenham que criar abreviações, símbolos e sinais que tornem mais rápida a comunicação.

Nesse sentido, a Internet, a maior rede de comunicação e informação criada pelo homem, também criou a sua variante da língua. Hoje, mais de um milhão de pessoas no Brasil utiliza a Internet. Todos os dias, milhares de novos brasileiros se conectam a essa enorme rede. Cada vez, mais e mais pessoas têm as chamadas «salas» de «bate-papo». Cada vez mais as pessoas vão aprendendo o «internetês», o linguajar dos *internautas*.

O *internauta* não comunica de forma normal, escrevendo as palavras correctamente, obedecendo ao máximo às regras da nossa ortografia, uma vez que esta comunicação, no chamado «tempo real», tem de ser ágil, dinâmica, não se pode perder tempo digitando as palavras de forma rigorosamente correcta, consultando dicionários, etc., pois o tempo na Internet custa dinheiro.

Além disso, nem todo o *internauta* tem um domínio completo da língua escrita. A maioria das pessoas tem dificuldade em redigir um texto seguindo, rigorosamente, as normas da língua escrita culta. Outro factor interessante, e talvez menos observado, são as variações semânticas que existem de uma região para a outra.

Um gaúcho, por exemplo, quando conversa, numa «sala» de «bate-papo» com um cearense, tem de tomar certos cuidados ao digitar as mensagens, pois as disparidades semânticas de uma região para a outra podem suscitar mal-entendidos.

Uma componente muito interessante da linguagem dos *internautas* são os *emoticons*, que são símbolos que representam os sentimentos e o tom de quem está falando. Nem todos os *internautas* fazem uso desse recurso. O quadro 2 apresenta uma relação com a maioria dos *emoticons* conhecidos.

Quadro 2
Emoticons

X-) Com vergonha ou tímido :-) Estou feliz B-) Estou feliz e de óculos :-(Triste ou com raiva :-))) Estou gargalhando <:-) Você fez perguntas bobas (:-... Mensagem de partir o coração :-/ Estou perplexa :-O Estou impressionada :-P Dando língua d:-) De boné (:-(Estou muito triste :-x Mandando beijo :-D Rindo -(de madrugada :-'(Chorando :-o Oh,não!! []'s (abraços) :- zangado (:-) careca :-) feliz :-(triste B-) Batman :-)> barbudo %+(espancado ?-) olho roxo	R-) óculos quebrados :^) nariz quebrado :-) sobrancelhas espessas < :-) chinês 3:-) vaca :-f mal-humorado X-) estrábico :-'(chorando i-) detective :-e desapontado :-)' babando <:-) pergunta estúpida >:-) sorriso malicioso, maldoso :'''-(inundação de lágrimas /:-) francês ::-) usuário de óculos _m (o_o) m_ Espiando por cima do muro :-} + :-} = ()> Vamos tomar um chopinho :-') resfriado (1) :*) resfriado (2) :- hmmmph! :-C queixo caído :-# beijo (1) :-* beijo (2) :-+) nariz grande :-D gargalhando
---	--

(Cont.)

:-} olhando maliciosamente p/ alguém	:-V falando
(-: canhoto	*-) drogado
:-9 lambendo os lábios	:-T lábios selados
:- macaco	:-p língua na bochecha, brincadeira
:-{ bigode	:-/ indeciso
(-) precisando de um corte de cabelo	:-[vampiro (1)
:-^ nariz deslocado	:- < vampiro (2)
:8) porco	:-)) muito feliz
=:-) punk	:-((muito triste
:-" lábios franzidos	:-c muito infeliz
-) Robocop	d:-) usando boné
O:-) santo	[:-) usando <i>headphones</i>
:-@ gritando	:-(# usando aparelho dentário
:-O chocado	;-) piscando
:-V berro	:-7 sorriso irônico
-) dormindo	l-O bocejando
:-i fumante (1)	@)—enviando uma rosa para alguém
:-Q fumante (2)	^ ^ ^ Espiando por cima do muro
:-6 gosto azedo da boca	

Fonte: MÍGLIO, Monica. Conversando em internetês. *Internet.br*, Rio de Janeiro, pp. 32-35, 1998.

As abreviaturas também são muito comuns na linguagem da Net, e são, na sua maioria, de frases em inglês o que dificulta ainda mais a vida de alguns cibernautas pouco dados a estrangeirismos. O quadro 3 mostra algumas dessas abreviaturas.

Quadro 3
Abreviaturas

ABREVIATURA	SIGNIFICADO
AFAIK	<i>As far as I know.</i> (Tanto quanto sei.)
AKA	<i>As known as.</i> (Mais conhecido por.)
BCNU	<i>Be seeing you.</i> (Até à vista)
BTW	<i>By the way.</i> (A propósito.)
BRB	<i>Be right back.</i> (Volto já.)
CU	<i>See you.</i> (Até breve, adeus.)
CUL	<i>See you later.</i> (Até logo.)
DIMU	<i>Did I mess up?</i> (Fiz asneira?)
FAQ	<i>Frequently Asked Questions.</i> (Perguntas frequentes.)
FYI	<i>Frequently Asked Questions.</i> (Perguntas frequentes.)
HAND	<i>Have a nice day.</i> (Desejo-te um bom dia.)
IMHO	<i>In my humble opinion.</i> (Na minha modesta opinião.)
IMO	<i>In my opinion.</i> (Na minha opinião.)
ISTR	<i>I seem to remember.</i> (Parece que me estou a lembrar.)
ITYMTP	<i>I think you missed the point.</i> (Acho que não percebeste.)
IYSWIM	<i>If you see what I mean.</i> (Se é que compreendes o que eu digo.)
LOL	<i>Laughing out loud.</i> (Dar uma gargalhada.)
MORF	<i>Male ou Female?</i> (Masculino ou feminino?)
MOTOS	<i>Members of the opposite Sex.</i> (Elementos do sexo oposto.)
MOTSS	<i>Members of the same Sex.</i> (Elementos do mesmo sexo.)
OAO	<i>Over and out.</i> (Terminou a comunicação.)
OTOH	<i>On the other hand.</i> (Por outro lado.)
POV	<i>Point of view.</i> (Ponto de vista.)
ROTFL	<i>Rolling on the floor laughing.</i> (Rebolar no chão a rir.)
RTFM	<i>Read the f..... manual.</i> (Lê a m.... do manual.)
TIA	<i>Thanks in advance.</i> (Antecipadamente grato.)
TTFM	<i>Ta ta for now.</i> (Adeus, por agora.)

Fonte: ZAGO, Rodrigo do Prado, Knowledge Home Page. Internet:
<http://www.terraviva.pt/FerNoronha/2312/index23.htm>

As conversas nas «salas» de «bate-papo» da Internet dão-se da forma mais informal possível, usando a língua escrita como código e, de uma certa forma, a língua falada como forma de expressão. Alguns exemplos de frases tiradas diretamente de uma «sala» de «bate-papo» do provedor ZAZ, da Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS), estão expostas no quadro 4.

Quadro 4
Expressões em Salas de Bate-Papo

sorte sua q. vc ainda consegue desconectar... o meu nem conecta.....buáááááááááááááááá.	• Não inicia o período com inicial maiúscula; • abrevia que por q., você por vc; • usa reticências como indicação de pausa, simula um choro de mentirinha, de forma irreverente, usando a expressão onomatopeica "buááááá".
O que foi???????????????????? O QUEEEEEEEEEEEEEEEEE????????????	• Uso de forma despreocupada com a língua escrita.
ALGUÉM TECLA COMIGO, POR FAVOR????????	• Uso de maiúscula para demonstrar um grande apelo ou gritar.
risos...vê se ñ some...p/ gente poder marcar..tá????	• Abrevia não e para; • demonstra expressividade através de reticências.
eu ??? magina .	• Não usa maiúsculas; • Não segue organização ortográfica.
Ops...se escutar me conta.....	• Cometeu uma gafe e está corrigindo ou coisa assim
Então coma ALFACESIIIIIIIIIIIIIIIIIIII....**rrr**	• Dá destaque, usando letras maiúsculas, à palavra alface finalizando a sua afirmação com uma risada, demonstrada pelos símbolos **rrr**.
Smackssssssssssssss oi genteeeeeeeeeee.	• Demonstra o beijo, com a criação própria de expressão; • Inicia sem maiúsculas, expressa simpatia com a repetição das letras.
não se preocupe...eu também sabo fazer spaghetti Eita tchurma grande de boa sô... :o) vo me perder	• Falta de vínculo morfossintático; • Reduz palavras e cria outras.

Fonte: MÍGLIO, Monica. Conversando em internetês. *Internet.br*, Rio de Janeiro, pp. 32-35, Novembro 1998.

É importante ressaltar que as expressões, palavras, abreviaturas utilizadas nesse mundo virtual não seguem uma forma rígida. O *internauta* tem todo o direito de se expressar da forma que melhor lhe convier. Nem mesmo existe a necessidade de se utilizar esse modo informal e reduzido de escrever. O *internauta* pode, se quiser, usar a língua escrita padrão. Ninguém, na *Internet* é discriminado por ser um pouco mais formal. Há, ainda, a criação de ortografia própria nesta comunicação virtual, como mostra o quadro 5.

Quadro 5
Processo Ortográfico

4U = for you = para você	Falow = adeus, até mais!
AKI ou aki = aqui	hahahaha = tipo de risada
AWAY = estar away significa estar <i>on line</i> , mas longe do microcomputador	DCC-Foto = pede para a pessoa enviar uma foto pelo comando DCC
B4 (before) = depois	hehehehehe = tipo de risada
Beijauu = beijam	HUMPF = demonstra desagrado
BLZ ou blz ou Blz = beleza	Ixi, putz, = exclamações
BUÁÁÁÁ = choro	Lammer = pessoa idiota
CHUIF = choro	Naum = não
SNIFF ou sniff! = choro	Nomidade = nome e idade
CD,cd, kd, KD = cadê	Otoh (<i>On the other han</i>) = por outro lado
Chatear = conversar com alguém no CHAT	PVT-me (Private me) = chamar alguém para a sala.
Cool = legal (o mesmo que rulez)	Sacmsksssss = representa beijo

Fonte: ZAGO, Rodrigo do Prado, Knowledge Home Page. Internet:
[http://www.terravista.pt/FerNoronha/2312/index23.htm](http://www.terraviva.pt/FerNoronha/2312/index23.htm)

A língua é uma instituição viva, presente no quotidiano de cada um de nós. Ela está em constante transformação. A língua, pois, não se deteriora, não se degenera. Transforma-se, adquire novos elementos e põe em desuso outros; esse é um processo normal que faz com que as línguas evoluam e acompanhem as transformações sociais, económicas e culturais dos povos.

A língua escrita e quase falada dos *internautas* é mais uma das inúmeras variantes de uso de nossa língua. Não há dúvida de que esse segmento poderia influir nas futuras transformações pelas quais a língua irá passar nos próximos anos.

6. Dificuldades na Internet

São muitas as dificuldades de acesso ao ciberespaço. Os problemas técnicos são considerados os mais significativos. Há problemas com a própria rede que, às vezes, torna a conexão lenta, problemas de segurança e manutenção técnica, além da despesa com o provedor.

Do ponto de vista da informação, segundo Aparici (1998), a rede não oferece credibilidade. As informações são veiculadas espontânea e intuitivamente, sem

rigor científico, e nem sempre são verdadeiras, considerando que a rede aceita tudo, não tem nenhuma forma de censura. Assim, o grande desafio dos educadores será como criar mecanismos para orientar o educando a lidar com essas limitações, ou, ainda, como muni-lo de técnicas que possam ajudá-lo a ver-se livre do «lixo». Os educadores terão de estabelecer critérios para a selecção da informação, o que, de momento, está a ser procurado.

É preciso considerar a selecção de informações, tarefa árdua para todos e, para os educadores, um grande desafio, uma vez que o chamamento da novidade é muito estimulante, as informações são ilimitadas e muitas delas inúteis e imprecisas, levando à grande perda de tempo. Esta é, com certeza, conforme ressalta Bressane (1998) uma competência que teremos de dominar, considerando a rapidez e o dinamismo do crescimento da sociedade de informação.

Outro aspecto a ser considerado é que de cada 150 brasileiros somente um tem acesso à Internet, segundo Aparici (1998); logo, o acesso é muito limitado, o que evidencia uma tecnologia elitista e pouco democrática.

Consequentemente, conclui o autor, destes, quem tem nível de discernimento maior, mais escolaridade, terá mais facilidade em lidar com a tecnologia, enriquecer e ampliar os seus conhecimentos. Com o vertiginoso crescimento da rede, esse distanciamento, entre os que têm acesso à Web, torna-se cada vez mais significativo, evidenciando, assim, a necessidade de se conectarem na rede: unidades de ensino, bibliotecas ou qualquer outro lugar onde as pessoas tenham a oportunidade de interagir.

Como afirma Moran (1998), «a Internet pode tornar o ensino e a aprendizagem como processos abertos, flexíveis, inovadores, contínuos, que exigem uma excelente formação teórica e comunicacional, para navegar entre tantas e tão desconstruídas idéias, visões, teorias, caminhos».

7. Hipertexto

Podemos observar que as tecnologias mais avançadas geralmente absorvem as conquistas das tecnologias anteriores, assim como aconteceu com o cinema, cujo desenvolvimento estava respaldado na foto.

O hipertexto electrónico pode ser uma leitura muito familiar se nós o relacionarmos também com as notas de rodapé, as revistas e as enciclopédias. Essas últimas permitem um movimento sem seguir nenhuma sequência específica. A diferença básica seria que, no hipertexto, uma nota pode ser maior que o texto original e dela você opta por voltar ao texto inicial ou perder-se nas «malhas das letras» electrónicas. Além disso, a velocidade faz a diferença. Tudo acontece mais

rapidamente e essa expansão da informação leva muitos a preocuparem-se com essa «hiperinflação informativa».

A informação num sistema hipertextual interliga-se dinamicamente numa rede complexa composta por nós, possibilitando uma leitura não linear, que permite percorrer o texto através de percursos diferenciados. Este tipo de estrutura textual reveste-se de uma grande plasticidade, já que o texto é desmembrado em unidades mínimas de significação (que podem remeter para textos, imagens e sons) que são ligadas uma às outras não de forma indexical, mas por um princípio de associação.

Desta forma, quebra-se a hierarquia de conceitos característica do livro impresso, motivando uma leitura activa e actuante no próprio texto.

Um sistema hipertextual permite que autores e grupos de autores liguem informação entre eles, criem caminhos entre um corpo infinito de textos, ao qual posteriormente se pode aceder de forma rápida e eficaz. Os leitores podem navegar nesta rede, passando de ligações para ligações de uma forma organizada mas não sequencial.

7.1 Alguns Conceitos de Hipertexto

Segundo Landow (1992), o hipertexto põe em cheque: sequências fixadas, começo e fim definidos, uma história de certa magnitude definida e a concepção de unidade e todo associada a todos esses conceitos. Na narrativa hipertextual, o autor oferece múltiplas possibilidades, através das quais os próprios leitores constroem sucessões temporais e escolhem personagens, realizando saltos com base em informações referenciais.

Heim(1993) aponta o hipertexto como um modo de interagir com textos e não só uma ferramenta como os processadores de textos. Por sua característica, o utilizador interliga informações intuitivamente, associativamente. Através de saltos – que marcam o movimento do hipertexto – o leitor assume um papel activo, sendo ao mesmo tempo co-autor. Para Lévy (1993), o hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertexto. Os itens de formação não ligados linearmente, como um nó em corda, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular.

A compreensão de hipertexto para Conklin (1987), apud Leiro (1994), janelas na tela são associadas com objectos na base de dados e ligações são estabelecidas entre estes objectos, tanto graficamente, na forma de marcas rotuladas, como na base de dados na forma de ponteiros.

Para Smith (1988), ainda *apud* Leiro (1994), hipertexto é uma abordagem da gestão de informação na qual os dados são armazenados numa rede de nós conectados por ligações. Os nós podem conter textos, gráficos, áudio e vídeo, bem como programas de computador ou outras formas de dados.

Para Shneiderman & Kearsley (1989), referenciados *apud* Leiro (1994), o hipertexto pode ser uma rede de nós e ligações entre documentos, onde documentos são nós e as ligações são referências cruzadas. As redes podem ter a forma de hierarquia, embora geralmente as associações entre os nós sejam mais complexas. Os nós-ligações não se restringem a textos, mas podem ser gráficos, fotos, sons, narração ou sequência animadas (vídeo). Quando os documentos são de natureza (tipo) multimeios, o termo hipermedia é frequentemente usado.

7.2 Textualidade

Quanto ao redimensionamento da textualidade no Hipertexto, pode-se observar que ele se caracteriza também pela:

1) Pluritextualidade – capacidade de amalgamar aportes sógnicos e sensoriais diversos tais como textos escritos, imagens, sons, mapas, gráficos tridimensionais através do processo de digitalização, que, por sua vez, possibilita a interface com todos esses recursos de linguagem numa única tela de computador, oferecendo ao utilizador uma experiência multisimbólica impossível nas tecnologias anteriores de escrita. (Bolter, 1991)

Essa convergência de suportes mediáticos sobre uma mesma superfície de acesso – chamada pelos especialistas de hipermedia – produz um efeito de linguagem de natureza sinestésica sem paralelos (Bolter 1991:27), contribuindo para a instauração de um ambiente cognitivo propício à exploração e apreensão de informação em velocidade compatível com a do fluxo de pensamento (Snyder 1997:25). Imersas numa atmosfera intersemiótica, as actividades de leitura e escrita tornam-se experiências muito mais plenas, já que leitores e autores dispõem de um grande conjunto de artefactos linguísticos verbais, para-verbais e não-verbais, a fim de consignar os seus objetivos enquanto agentes co-produtores de discursos.

2) Superintertextualidade – por estar vinculado à rede, o texto electrónico é essencial e infinitamente intertextual; mantém necessariamente relações em cascata com outros textos que se agregam a cada instante aos inúmeros portais de acesso à malha global de informações. Dessa forma, as fronteiras entre os

textos são obscurecidas, como também a ilusão de se chegar à exaustão de um tópico. As notas e referências multiplicam-se em proporções absurdas. Uma vez conectado, desaparecem as distinções clássicas entre texto principal e secundário, estatal e privado, individual e social, permitido e proibido, em construção e já construído.

Dissolvem-se as concepções estanques de autor e leitor. Os discursos dialogam, discutem, disputam entre si; eles refractam-se e remetem-se mútua e ininterruptamente num *já-aqui* virtual. A implicação pedagógica decorrente disso é profundamente rica em fontes de exploração informacional, abrindo-nos a perspectiva de fazermos textos cada vez mais completos, sem complexidade inacessível, sugestivos e não dogmáticos; bem como compreender ideias e raciocínios pouco claros à primeira vista através do desvio por outros documentos a eles vinculados.

3) Megainteractividade – esta também é uma característica constitutiva do Hipertexto. A promessa de utilização simultânea dos diversos aparatos mediáticos acoplados a um só equipamento – o computador – torna exequível a utopia humana de ser o sujeito das suas acções e não mero espectador inerte, dócil e bem-comportado perante os discursos provocadores e equivocados com os quais se defronta a todo momento.

No espaço acromático e democrático da rede sempre aberta a novas e divergentes ideias, as possibilidades de trocas e de cumplicidade são iminentes e instantâneas, tendo em conta os avançados sistemas de telecomunicações (satélite, fibra óptica, célula irradiadora de ondas de radiofrequência) que veiculam, não apenas escritos e sons, mas imagens ao vivo a partir de/em direcção a aparelhos domésticos situados em qualquer ponto do planeta.

Certamente as relações interpessoais assumem um outro formato, uma configuração muito mais actitudinal e colectiva, uma vez que poderá ser partilhada por muitos utilizadores ao mesmo tempo como ocorrem com os dos grupos de discussão e salas de conversa, teleconferências. Nestes ambientes, todos os envolvidos têm acesso a grande parte do processo de elaboração da escrita electrónica que se torna alterável e permeada por «falhas» e hesitações próprias do fluxo contínuo do raciocínio em construção, semelhantes às interacções verbais face-a-face (Snyder, 1997).

Por outras palavras, os participantes movem-se rápida e repetidamente entre as funções de leitor e autor, obscurecendo, dessa maneira, a tradicional dicotomia entre estes papéis (Snyder 1997, p. 6). Numa palavra, a alta interactividade inerente ao Hipertexto transforma os seus utilizadores em co-produtores do processo interaccional. A autonomia, o sentido de responsabilidade e

cooperação vão instaurar uma nova dinâmica na construção/desconstrução de textos, pois, vivenciando esses processos como agentes virtuais, os utilizadores tornar-se-ão sabedores reais dos mecanismos necessários ao funcionamento satisfatório de textos.

7.3 Escrita e Hipertexto

Em artigo sobre o livro digital, Mello Jr. (2000) cita a escrita como a mais importante descoberta técnica dos homens, com ela inúmeros conhecimentos antes soterrados nos labirintos da oralidade puderam ser resgatados por gerações futuras, fundando uma nova modalidade de colaboração humana, conhecida por nós como ciência. À escrita devemos, portanto, todo o nosso progresso tecnológico.

Segundo o autor, escrever é registrar conhecimentos, formatar sensações, criar novas modalidades de entendimento, reinventar o mundo valendo-se da combinação infinita de poucas letras. Ler é actualizar o que foi escrito, mas não todo o conteúdo. Quando lemos apropriamo-nos apenas de uma parte do texto, ao conteúdo apreendido, juntamos outros que vagam nos desertos da memória, interpretamos e reinterpretamos o material apreendido e, ao final deste movimento, que pode durar o mesmo tempo que o próprio acto de leitura, estaremos diante de um outro texto, recortado, dobrado sobre si, modificado. Se um texto só existe verdadeiramente quando lido, e se o acto de leitura implica transformação radical ou não do texto, então toda a leitura é hipertextual, conclui Mello Jr. (2000).

A tecnologia criou condições para que ao texto alfabético se conecte uma série de recursos antes utilizados pela nossa mente durante a leitura. Finalmente, o leitor, considerado durante séculos um utilizador passivo, influencia definitivamente o texto concedendo a este, no próprio acto de sua confecção, os múltiplos recursos.

Quem já navegou obras compostas em hipertexto pôde constatar que elas apresentavam uma ampla variedade de *links*, que permitem ao leitor remeter-se à origem de determinados argumentos, ou visualizar mapas e fotos da região que o texto descreve. Ou mesmo ouvir a música produzida na época retratada. Mas ainda mais instigante é a possibilidade do leitor registrar suas impressões a respeito do texto lido, ao mesmo tempo em que pode consultar as impressões de um número indefinido de leitores.

De forma definida, conclui Mello Jr. (2000), a postura aparentemente passiva do leitor é substituída por uma actividade de leitura que deixa marcas visíveis sobre o texto.

No entanto, em relação ao texto tradicional, o Hipertexto apresenta algumas peculiaridades que o tornam uma teia labiríntica e reticulada de documentos afins ou divergentes. São elas:

- 1) **Não-Linearidade** – marca fundamental do Hipertexto, esta técnica de produção e disponibilização da informação liberta o leitor para seguir a sequência de leitura no ritmo que desejar, fazer os saltos de parágrafos, secções ou capítulos que lhe interessarem; optimiza-o a percorrer caminhos outros, através dos *links*, que não são necessariamente os indicados pelo autor. Isto não implica uma destituição absoluta de sequencialidade, até porque a inteligibilidade de qualquer linguagem solicita algum tipo/forma de sequencialização – palavra, frase, parágrafo (Snyder 1997:46) que não seriam prescindíveis no texto electrónico. Pode dizer-se que ele possui um menor grau de linearidade em relação ao texto comum.
- 2) **Fragmentação** – por ser uma tecnologia de escrita em processo, o Hipertexto rompe com a hierarquia canónica de começo, meio e fim pré-definidos. O ponto-de-partida de uma leitura hipertextual feita por um leitor X pode transformar-se em ponto-de-chegada realizada por leitor Y. No texto electrónico, as fronteiras estão sempre abertas e vulneráveis a desvios, fugas e retornos do leitor que tem o timão de controle para sua «navegação» pelo oceano informacional, ancorando muitas vezes em certos portos-links de passagem motivados pela mera curiosidade.
Esta qualidade do texto electrónico desterritorializa a escrita inicial do autor, provoca um apagamento nas relações de autoria de uma obra, sem, no entanto, dispersar aleatoriamente o leitor na rede. Pelo contrário, ambos autor e leitor são inseridos simultaneamente como agentes nesta sofisticada teia informacional. O segundo pode distrair-se temporariamente ou indefinidamente. Entretanto, ele deve estar consciente de que digressões hipertextuais exaustivas têm o risco de colocá-lo em situações com pouca coerência. Aliás, a coerência no Hipertexto se realiza diferentemente em comparação com o texto tradicional impresso (Bolter 1991:9).
- 3) **Virtualidade** – o Hipertexto é significativa e estruturalmente instável. Por ser virtual, potencial, actualizável sem precisar passar pela concretização efectiva ou formal, esta tecnologia intelectual manifesta-se de forma versátil e, neste sentido, se opõe diametralmente à estabilidade e concretude material do texto impresso. Não há nada pronto, acabado, no Hipertexto; a actualização e modificação por acréscimo ou conexão de um outro texto a uma «matriz» hipertextual são possíveis a mais de um usuário simultaneamente em qualquer lugar do planeta, dotando o hipertexto de uma ubiquidade impensável aos impressos tradicionais.

Parafraseando Lévy (1997, p.21), a virtualidade do Hipertexto teria um traço singular: unidade de tempo sem unidade de lugar. Essa volatilidade do hipertexto derivada da sua natureza virtual torna-o múltiplo e rico em produção de sentidos, pois, se a cada leitura por um utilizador diferente acontecer uma modificação na tal «matriz» hipertextual, sempre haverá mais *links*/elos/nós que permitirão novas maneiras de navegar e levarão inevitavelmente a diversificadas interpretações por outros utilizadores.

8. Algumas considerações

Numa análise semiótica, é inegável que existam diferenças entre hipertexto electrónico e o texto impresso, não hesitamos em afirmar que o hipertexto transgride as leis da teoria do texto e arrolamos suas diferenças.

Ele é um meio de informação que existe somente *on-line* no computador, dispõe de diferentes entradas e saídas, verdadeiras trilhas para os utilizadores. A sua estrutura é formada por blocos que se unem e têm passagem através de *links*, possui disposição não linear, podendo ser construído com sons, gráficos, animações, vídeo e realidade virtual. E as ligações que fazemos de uma *homepage* a outra dão passagem a um universo que nem sempre se encontra relacionado com o tema que pesquisamos.

Actualmente, no complexo informacional moderno, é necessário questionar qual é o lugar que a escrita ocupa no contexto em que vivemos, qual o seu papel histórico e social, quais são as regras de seu funcionamento e as suas especificidades, qual a amplitude dessa nova comunicação no contexto social.

Virilio (1996) , teorizando a implosão e o aniquilamento do espaço-tempo, questiona quais serão os estragos provocados pelo início de uma dissuasão informática da realidade sensível, depois do fim da guerra fria e do declínio da dissuasão atômica, que se parece cada vez mais com uma verdadeira «industrialização da simulação».

Ele aponta para o perigo de nos distanciarmos do real, ou melhor, de não conseguirmos «distinguir entre o que vemos real, e portanto verdadeiro, e o que um outro indivíduo pode tomar como real e verdadeiro, (...) colocando-nos no lugar dessa outra pessoa,» vendo com seus olhos, introduzindo-nos no final de um ciclo de apercepção, de privação sensorial, de cegamento que ele denomina «a indústria do não-olhar».

Estamos contaminados pelo reino da simulação, da ilusão, mas isto não configura uma sociedade perdida, um corpo perdido, uma «desrealização geral» como sugere Baudrillard (1991). Vivemos num labirinto e constantemente estamos

verificando os conceitos fundamentais que enredam a natureza humana, pois passamos a trabalhar com valores flutuantes, tornando-se impossível assegurar uma compreensão real e única das coisas.

Não podemos **ficar prisioneiros da imediatez**, do presente, do sensível, do aqui e agora. As inovações tecnológicas são resultado das acções sociais; o homem é o centro desse processo de conhecimento. As modernas tecnologias não agem, simples e directamente sobre esse tempo histórico, o homem não está inerte nesse torvelinho. Pensar o mundo é pensar o homem que está mergulhado nele.

No entanto, a emergência do Hipertexto não chega a romper radicalmente com os princípios básicos de textualidade postulados por Beaugrande (1981), todavia inevitavelmente redimensiona-os ampliando a sua abrangência e relevância enquanto princípios de acesso e não de boa-formação textual.

Aliás, Beaugrande(1997) já fez uma revisão de tais padrões de textualidade no seu mais recente trabalho, reconhecendo que eles, na verdade, não seriam imperativos imprescindíveis a enunciados que exigem o *status* de texto, mas um conjunto de condições que apontam cognitivamente para a efectivação de um evento comunicativo.

Ainda que o Hipertexto não represente uma novidade radical na acepção e ideário da tradição ocidental (Marcuschi 1999:03), ele parece constituir-se como uma reinterpretação das formas de produção e compreensão textuais, na medida em que garante, pelas interfaces tecnológicas, a utilização conjunta de vários recursos semióticos, até então, incompatíveis. Ele autoriza o utilizador a vivenciar o acto de ler, muito mais «comprometido» e integralizado com outros textos já existentes. Isto solicita, no mínimo, uma redefinição da função da textualidade na produção do(s) sentido(s).

9. Conclusão

Após uma pesquisa e estudo sobre a relação entre texto escrito e Internet, observando se o acesso ao texto electrónico interfere na produção escrita do seu utilizador ou se há uma alteração ou rompimento na textualidade em relação àqueles que não têm esse acesso, concluímos que as limitações e "erros" em relação à norma culta da língua assemelham-se nas duas realidades analisadas - a de utilizadores e a de não-utilizadores do texto electrónico. Há problemas relacionados com a ortografia, com o pouco domínio morfosintático e semântico. No entanto, o conteúdo que se veicula no texto dos alunos que têm acesso à Internet apresenta mais informatividade e intertextualidade, em relação aos que não têm esse acesso.

Utilizando ou não a Internet, o aluno tem limitações linguísticas que se inserem no âmbito cognitivo e que dependem de uma aprendizagem que não se associa ao texto electrónico. Apesar disso, a Internet, com seu acumular de informações, pode auxiliar o aprendiz na busca de saberes, na qualidade e na criatividade da elaboração das ideias.

Fontes bibliográficas

- APARICI, Roberto. **Educação para os meios num mundo globalizado**. <http://www.fae.ufmg.br/catedra/Artigo2.htm> (Julho, 1998).
- APEL, J.(1996). **Evaluar e Informar en el proceso de enseñanza- aprendizaje**. Buenos Aires: AIQUE.
- BAIRON, S. **Multimídia**. S. Paulo: Global Editora, 1995
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Hucitec / Petrópolis: Vozes, 1987.
- BARRETO, R. G. **"Os sentidos produzidos na/pela articulação palavra-imagem: novos desafios para a leitura na escola"**. Projeto Integrado de Pesquisa, LISE/CNPq, 1994.
- BARRETO, A. de A. **A Questão da Informação**. São Paulo em Perspectiva, n.4, v.8, 1994, pp. 3-8.
- , **Perspectivas da Ciência da Informação**. Revista de Biblioteconomia de Brasília, v. 21, n2, 1997, UNB.
- BARTHES, R. **O Rumor da Língua**. Edições 70, 1984, Lisboa.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**; trad. Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.
- , **New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and Freedom of Access to Knowledge and Society**. Norwood, N. J., Ablex. 1997.
- BENVENISTE, Emile. **Problemas de lingüística geral**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- BOLTER, Jay David. **Writing Space. The Computer, Hypertext, and the History of Writing**. Hillsdale, N. J., Lawrence Erlbaum Associates. 1991.
- BRESSANE, Rodrigo. **Internet 2 avança**. Jornal Estado de Minas, Caderno Informática, 24/8/98.
- CASSONI, Antônio Marmo. **Entrevista: A comunicação do professor**. 1999. [on line] Disponível na Internet via WWW.URL:<http://www.netsite.com.br/revide/080298/entrevis.htm>.
- CAGLIARI, L. E., **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 1992, 5. Ed.
- CHARTIER, A. M. & HÉBRARD, J. **Discursos sobre a leitura**. Rio de Janeiro: Ática, 1995.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998. 159p., São Paulo, Scipione, 1992, 5. Ed.
- CHAUÍ, M. **Cultura e democracia**. São Paulo: Cortez, 1989.
- COSTA, Rosa Maria E. M.; XEXÉO, Geraldo; <http://www.cos.ufrj.br/~costa> **Internet nas escolas: uma proposta de ação**. Dezembro/1997.
- COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- ECO, U. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- FERREIRO, E. **Cultura escrita e educação**. Porto Alegre: Art Med. 2000.
- GRESPLAN, Gilmar. **O uso da língua portuguesa em tempo real na Internet**. [on line] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.terraviva.pt/AguaAlto/3560/pesquisa.html>. Dados obtidos em 14 de dez. 1999.

- HARASIM, Linda. *Online Education: A New Domain*. In: Mason, Robin and Kaye, Anthony (eds.) *Mindweave: Communication, Computers and Distance Education*. (1989). Pergamon Press, Oxford. URL: <http://www.icdl.open.ac.uk/mindweave/mindweave.html>
- HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- KATO, M. *No Mundo da Escrita. Uma Perspectiva Psicolingüística*. São Paulo: Ática, 1986.
- KLEIMAN, A. *Leitura: ensino e pesquisa*. Campinas: Pontes, 1989.
- KOCH, Ingedore, V. G. *O Texto e a Construção dos Sentidos*. São Paulo, Contexto, 1997.
- , *Os Estudos sobre os Textos: Situação Atual e Perspectivas Futuras. Comunicação apresentada no IV Colóquio da Associação Latino Americana de Análise do Discurso*. Santiago, Chile, 5 a 9 de abril de 1999.
- KRESS, G. *Structure of Discourse and Structure of Explanation*. University of London, 1992.
- KRISTEVA, J. *História da linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- LAKOFF, G. E JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LANDOW, George P. *Hypertext 2.0 – The Convergence of Contemporary Critical Theory*. Baltimore and London, John Hopkins University Press. 1997.
- LAUREL, B; *Computer as Theater; Addison*. Wesley: NY, 1992, especialmente cap.1 e 6.
- LEMOES, A. *Anjos Interativos e Retribalização do Mundo: Sobre interatividade e interface digitais, in Tendências XXI*. Lisboa: no prelo.
- LEIRO, Jaime. *Sistemas Hipertexto para microcomputadores: uma aplicação em informação científica de Brasília*. 1992. Dissertação de Mestrado.
- LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência. O Futuro do Pensamento na Era da Informática*. São Paulo: Editora 34. 1993.
- , *A Inteligência Coletiva, Para uma antropologia do Ciberespaço, Instituto Piaget, Epistemologia e Sociedade*. 1994, Lisboa.
- , *O que é o Virtual*. São Paulo, Editora 34. 1996.
- , *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Linearização, Cognição e Referência: o Desafio do Hipertexto. Comunicação apresentada no IV Colóquio da Associação Latino Americana de Análise do Discurso*. Santiago: Chile, 5 a 9 de abril de 1999.
- MATURAMA, H. R e VARELA, F. G. (1990). *El árbol del conocimiento: las bases biológicas del entendimiento humano*. Santiago del Chile: Editorial Universitaria.
- MEHELER, J. (ed.) *Cognition on Cognition*. MIT Press. USA, 1995.
- MELLO JR. José de. Revista Editor . artigo "O Livro Digital" ANO 2 – Nº 8 – Fevereiro / Março 2000.
- MÍGLIO, Monica. *Conversando em internetês*. Internet.br. Rio de Janeiro, p. 32-35, novembro 1998.
- MORAN, José Manuel. *Desafios da Internet para o professor*. <http://www.eca.usp.br/eca/profMoran/desafio.htm>, 20/08/98.
- MORAN, José Manuel. *Mudanças na comunicação social*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- NOGUEIRA, Sérgio. *Coluna Língua Viva do Jornal do Brasil*. [on line] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.jornaldobrasil.com.br> Dados obtidos em 14 de dez. 1999.
- OLSON, David. R. *O Mundo no Papel. As Implicações Conceituais e Cognitivas da Leitura e da Escrita*. São Paulo: Ática. 1997.
- ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1987.
- PONTES, E. *O "Continuum" língua oral e língua escrita: por uma nova concepção do ensino*. Trab.Ling.Apl. Campinas, (12):101-107, jul./dez. 1988.
- SNYDER, Ilana. *Hypertext. The Electronic Labyrinth*. Washington: New York University Press. 1997.

- TANNEN, D. **The Oral/Literate Continuum in Discourse**. In: Tannen, D. (ed.) **Spoken and Written Language**. New Jersey: Ablex, 1982.
- VIRILIO, Paul. **A arte do motor**; trad. Paulo Roberto Pires. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
/alnweb/magazine/vol2_issue2/Masonfinal.htm
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 4. ed. Trad. José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- ZAGO, Rodrigo do Prado, Knowledge Home Page. Internet: <http://www.terravista.pt/FerNoronha/2312/index23.htm>